

“Um ensino que faz certo barulho”

Claudia Figaro-Garcia

Resenha : Lacan, J. (1967/2006). Meu ensino. Rio de Janeiro. Zahar. 2006.

Nos anos 60, após a publicação dos “Escritos”, Lacan foi convidado a dar palestras em algumas cidades francesas, expondo seu ensino de forma mais familiar.

A primeira das três conferências publicadas em seu livro “Meu ensino”, ocorreu em outubro de 1967, em Lyon, no Centre Hospitalaire Du Vinatier, primeiro centro psiquiátrico da região Rhône-Alpes. Com o título “**Lugar, origem e fim do meu ensino**” Lacan iniciou sua palestra afirmando que não pretendia “entregar” seu ensino sob a forma de “um comprimido” e que também não previa como seria o futuro de seu ensino, e nem como seria a psicanálise. Acreditava que a psicanálise que ele ensinava terminaria com sua própria morte. Com a frase “No início não é a origem, é o lugar”, Lacan disse que se trata do lugar onde ele havia chegado, que o coloca na postura de ensinar. E que a função do analista não é algo “natural”, ela não existe por si só.

Lacan retomou o momento de crise que a psicanálise viveu na França em 1953, onde se pretendia regular o status dos psicanalistas no futuro. Além disso, colocou em dúvida se os psicanalistas da época sabiam do que se tratava o inconsciente e o que era a psicanálise. Os psicanalistas, enquanto um grupo, uma massa, um bando, “querem que se saiba que *estão ali pelo bem de todos*” disse Lacan, ficam do lado do bom, do que interessa. Precisam mostrar o que fazem e dizem e que são coisas repetidas e conhecidas. Disse Lacan que, “associamos esse inconsciente a antigos ecos e apagamos o limite que permitiria ver que o inconsciente freudiano não tem nada a ver com o que até aqui chamamos de “inconsciente”. Além disso, critica o fato de que os analistas da época faziam crer que a sexualidade de que falavam era a mesma falada pelos biólogos. Será a psicanálise pura e simplesmente uma terapêutica, que tudo cura, pergunta Lacan. A verdade psicanalítica era que havia algo na base

que se tramava na interpretação da verdade, isto é, da vida sexual. Seria isso verdadeiro ou não-verdadeiro, se perguntou Lacan. Prossegue afirmando que os psicanalistas não falavam mais de sexualidade, ela estava ausente dos artigos e dos círculos psicanalíticos. O objetivo final da análise era o fortalecimento do ego, ficando a sexualidade como algo secundário, sendo considerada por Lacan com o terreno, “onde não se sabe sobre que pé dançar a propósito do que é verdadeiro”. A sexualidade faz furo na verdade, ou seja, refere-se à sua inaptidão a se comprovar a existência da relação sexual.

Com relação a seu ensino, Lacan disse que a origem dele é a linguagem, nada além disso. É porque há linguagem que há verdade, disse Lacan, a verdade começa a se instalar a partir do momento que há linguagem. Se o inconsciente não fosse linguagem, não haveria interesse ou privilégio no que pode se designar como inconsciente. Para Lacan, se o inconsciente não fosse linguagem não haveria inconsciente no sentido freudiano.

Lacan assume que ninguém antes dele havia dado importância aos textos de Freud nos quais ele aborda os chistes, os trocadilhos, a psicopatologia da vida cotidiana, nos quais há um fator comum.

Para Lacan o que interessa é o sujeito da enunciação, uma vez que há enunciados sem sujeito, e que o Outro (A) é definido como o lugar da fala, não o lugar onde ela é emitida, mas onde assume seu valor de palavra, “onde inaugura a dimensão da verdade”. Lacan se refere à verdade como dimensão de desejo, a verdade como desejo. O desejo como algo que se “inscreve enquanto consequência da articulação linguageira no nível do Outro” disse Lacan. Estamos sempre demandando ao Outro seu desejo. Quando cabe ao sujeito desejar ele se percebe castrado.

Como fim de seu ensino, ou seja, para que ele é feito, Lacan propôs que seria fazer psicanalistas “à altura dessa função que se chama “sujeito”, porque se verifica que só a partir desse ponto de vista se enxerga bem aquilo de que se trata a psicanálise.”.

Com o título “**Meu ensino, sua natureza e seus fins**” Lacan proferiu sua conferência em Bordeaux, no dia 20 de abril de 1968, em uma sala para residentes do Hospital Psiquiátrico Charles-Perrens.

Ao escolher a palavra “colóquio” ao invés da palavra “diálogo” a fim de caracterizar sua apresentação, Lacan o fez por considerar que “dialogar é uma

das imensas pretensões de nossa época.”. Lacan iniciou sua fala dizendo que não havia preparado nada destinado para os psiquiatras da plateia, mas aguardava mesmo assim uma pergunta a ele dirigida, mesmo sabendo que a maioria dos presentes não acompanhava seu ensino.

Afirmou que seu ensino “faz um certo barulho” desde o dia que reuniu alguns textos que chamou de Escritos, obra literária que procurou estabelecer “pontos de referência, alguns marcos, como estacas que enfiamos na água para amarrar barcos”. E que seu imperativo sempre foi o de nunca repetir as mesmas coisas em seus seminários. Lacan disse que falava para psicanalistas sobre coisas que diziam respeito à experiência mais direta deles, mais cotidiana. Todavia percebeu que suas ideias também poderiam interessar a outras pessoas e disse: “Ler o que escrevi, mesmo sem compreender bem, faz efeito, prende, interessa.”. Mas reconhece que é um de difícil leitura, “obscuro”, não feito para o “consumo comum”, apesar de acreditar que seu ensino vai acabar entrando no consumo comum. Pessoas o farão circular, tentarão dar um tom sensacionalista, tentarão re-situá-lo em relações a convicções sólidas formadoras da base de cada pessoa na sociedade.

Lacan afirmou que a cultura “está congelada sobre nós” e que estando apertados em uma “carapaça de dejetos”, que também vem da cultura, o sujeito tenta conferir uma forma a isso, uma forma à história humana. A história dispensa a função do pensar. Em que se pensa, interroga Lacan? Nas coisas em que não se é senhor, responde, precisando girar e rodopiar várias vezes no mesmo sentido antes de se ter uma compreensão. E isto para Lacan, é o pensamento, ou seja, ao “cogitar eu agito, eu vasculho”. E só se torna mais interessante quando a resolução vem formalizada. Enquanto não há uma fórmula, uma formalização, se possível matemática, menos interesse e nobreza terá. A história serve para fazer a história do pensamento, para nos livrar desses esforços que poucos se propuseram a resolver problemas. Para Lacan, fica mais cômodo aos professores apenas transmiti-la entre seus pares do que se arriscarem a dizer o que pensam sobre algumas teorias, como a lógica de Descartes.

Na segunda parte de sua palestra Lacan afirmou que o que ele ensina se relaciona com a experiência psicanalítica. Não se trata de uma visão de mundo ou uma cosmo visão, mas de “procedimentos técnicos e precisões

formais referentes a uma experiência, que ou é bem séria ou então é uma incrível errância, uma coisa louca, delirante.” A análise, para Lacan, é uma operação de discurso, uma “operação-discurso”. Mas ninguém esperou a psicanálise para se interessar pelo discurso, ele já estava antes, partiu do que é ciência. A filosofia precisou em que medida coisas exatas que saíram da operação-discurso poderiam se transformar em ciência.

A psicanálise “é um caso absolutamente inédito de discurso”, e nos incita a interrogar o fenômeno constituído pelo surgimento de uma lógica que teve início com Aristóteles quando propôs os Primeiros e Segundos Analíticos e as Categorias, lógica que acabou sendo desvalorizada. A lógica, dita correta e valorizada começou com Boole no Séc.XIX segundo Lacan. Mas ele critica o fato de que para essa lógica não poderia haver contradição em seus sistemas. Então, percebeu-se que havia um furo, algo escapava até mesmo na aritmética. Lacan afirmou que para se fazer lógica de forma séria seria importante não se “cretinizar” pela cultura, ser mais jovem. No entanto, ser muito jovem não é a melhor condição para fazer um psicanalista. E quando se chega a entrar na “profissão” (*grifo meu*) de psicanalista, é tarde demais para lhe ensinar essas coisas inteiramente de primeiro plano que o formariam para determinada prática.”.

Na terceira parte da palestra, Lacan apontou que Freud trata de três coisas, quando indagado onde estaria o sujeito na teoria freudiana. São elas: isso sonha, isso rateia ou falha (lapso), isso ri (chiste). Em todas há o sujeito mas esse nada tem a ver com o que é chamado de “subjetivo” no sentido vago da palavra, onde tudo se mistura e nem tampouco no sentido da palavra “individual”. O sujeito que Lacan define é efeito do significante, antes mesmo dele de ser situado em uma pessoa específica, antes de sua existência. O sujeito está na dependência dessa cadeia articulada que representa o legado científico e deve tomar seu lugar nela, e “situar-se como puder nas consequências dessa cadeia”. Mas o sistema onde o sujeito está inserido falha, fracassa e a única garantia de um lugar onde ele é sustentado é o inconsciente. Ele nos restitui esse sentimento. Se isso sonha, rateia e ri é de uma forma articulada e Freud manipulou suas ideias a cerca disso como manipulações de linguagem, de discurso.

Lacan prossegue e aborda a questão da confusão entre comunicação e linguagem. O essencial da linguagem nunca foi a comunicação, disse Lacan. A articulação da linguagem coloca em questão o sujeito da enunciação. Que não pode ser confundido com o sujeito do enunciado, aquele que diz sobre si mesmo. Quando fala sobre si, diz eu (*je*) e isso quer dizer eu (*moi*) que falo. Há enunciações que não apresentam o sujeito. Lacan retoma então a questão da intersubjetividade, como algo que não é simples como se imagina, entre um emissor e um receptor, ou seja “.O que o outro está em vias de dizer não coincide nunca com o que ele diz.”. E por isso se constrói a lógica, para colocar sinais sobre os quais não restam dúvidas. Tenta-se eliminar o sujeito, mas ele reaparece no final sob a forma de paradoxos. A intersubjetividade para Lacan se apresenta sob a forma do eu e do supereu, dispensando o que se chamaria de sujeito. Mas falar do eu, isso e supereu não é algo óbvio, como se tudo “andasse sozinho, da forma mais natural, barulhenta”.

Lacan disse que lhe perguntavam, principalmente os filósofos, porque ele falava em “sujeito”, porque ligava isso a Freud e porque o sujeito estava articulado com o inconsciente estruturado como linguagem ? O sujeito está presente no trabalho de Freud desde sempre e que a tradição filosófica separou sujeito e substância., mas Hegel traz outra visão de que a substância é desde sempre o sujeito.

A terceira palestra intitulada **Então vocês terão escutado Lacan**, foi proferida em 10 de junho de 1967 na Faculdade de Medicina de Estrasburgo, onde havia um importante grupo lacaniano que teve início a partir da segunda metade da década de 50, com o psicanalista e professor de psiquiatria, Lucien Israël.

Lacan inicia sua apresentação retomando que nunca repetiu os cursos apresentados sob a forma dos seus seminários. E que o gênero “conferência” supõe algo que está no princípio da palavra Universidade, ou seja, um universo do discurso. Um discurso que durante anos se constituiu como uma ordem estabelecida, com setores distintos a serem estudados onde cada uma acrescentaria seu quinhão, em um limite bem estabelecido. A “história” referente a qualquer tema serve para dar a ilusão de que as diversas etapas do pensamento são engendradas umas às outras. Ocorreu justamente o contrário, ocorreram tentativas, erros, fissuras que nos deram a ilusão de totalidade.

Lacan afirmou que a partir de Descartes foi inaugurada a nossa ciência e que o que ele, Lacan ensina, a psicanálise, nasceu nesse momento. Lacan disse que se colocou numa posição de ensino “bem particular, pois ela consiste em partir de novo sobre um certo ponto, um certo terreno, como se nada houvesse sido feito. A psicanálise quer dizer isso.”. Seu ensino, prossegue, serve para valorizar Freud , para valorizar sua teoria e não reduzi-lo as suas fontes. Freud teve uma função de fissura.

Lacan disse que Freud nos ensinou que há doentes do pensamento, que não se restringe à noção psicopatológica. E sim pode ser tomada em outro registro. Pensar em si não é uma doença, mas pode deixar as pessoas doentes. No nível da doença, há um pensamento que circula, o pensar uns nos outros; esse é o campo das neuroses. Os filósofos nos deixaram supor que os pensamentos são atos transparentes a si mesmos e que o pensamento que sabe pensar-se é o critério verdadeiro, a essência de todo o pensamento.

Lacan apontou que “isso pensa em um nível em que isso não se apreende absolutamente como pensamento. Isso vai mais longe. Se isso pensa em um nível em que não se apreende a si próprio, é porque não quer ser apreendido de modo algum. Prefere incontestavelmente desprender-se de si mesmo ainda que seja pensado. Muito mais ainda, isso não recebe absolutamente de bom grado as observações que poderiam vir de fora incitar aquilo que pensa a se reapreender como pensamento. É isso a descoberta do inconsciente”. Descoberta em uma época onde não se contestava a superioridade do pensamento. Freud, segundo Lacan, descobriu que o seres humanos, civilizados ou não, são capazes dos mesmos furores e arrebatamentos coletivos, pois todos tem a seu alcance as mesmas escolhas, que podem ser traduzidas em seu sucessos ou aberrações. Lacan novamente enfatizou que seus Escritos despertarão o interesse de qualquer pessoa, e que não “passam de alguns fios, flutuadores, ilhotas, pontos de referência que apresentei de tempos em tempos às pessoas a quem ensinava.” O livro tinha vendido bem apesar da densidade dos textos e Lacan se questionou porque as pessoas teriam necessidade de “um lugar onde percebessem que se fala do que elas não compreendem?”.

Lacan finaliza sua apresentação enfatizando a origem de seu ensino em Freud e discutindo a noção de primazia do pensamento, como algo que “apreende-se a si próprio.”, uma vez que o ser humano, desde seu nascimento está imerso na linguagem, e é dela que se extrai o material a ser trabalhado, seja por meio dos sonhos (o absurdo), dos lapsos (o ridículo) ou do chiste (que nos faz rir sem saber porquê). Lacan propôs a importância de reinterrogar a origem do pensamento e situá-lo nos registros do simbólico, imaginário e real.

Lacan afirmou que o psicanalista deve se “presentificar” como aquele que sabe qual é a sua dependência própria de um certo número de coisas, principalmente em relação a determinada fantasia. Ele é consultado sobre o que escapa ao saber, e deve sentir que é pelo “seu desejo que a demanda histórica se interessa, que é sua demanda que o desejo do obsessivo quer suscitar o todo preço”. Todavia, ao final o analista deve renunciar ser o objeto privilegiado e se colocar como objeto-dejeto. O analista precisa “saber eliminar-se desse diálogo como alguma coisa que cai dele, e cai para sempre.”. Ele deve saber que não é nem saber, nem consciência, mas dependente tanto do desejo do Outro quanto de sua fala.